

Sílabas De Silêncio

Rui Miguel Rocha



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Este livro é dedicado:

*à Geca, aos meus pais e à minha irmã
sempre presentes*

*ao Nunes Carneiro
por exigir que não pare*

*ao Agostinho
por exigir rigor*

Melancolía

*"Cuando las lágrimas
caen hacia dentro encharcan
el corazón"*

Javier Almuzara

I

A palavra
deixa o espaço em branco
do vazio
livre dos ecos do oco

“A ausência do que preenche”
chamou-lhe um dia a poesia

II

É no avesso dos lábios
o lugar do poema:
a saliva dos impossíveis sons

As palavras cansam
uma vez murmuradas
para sossego do silêncio

III

Milagre seria acudir-me à boca
um hálito a seiva
vertical e límpido

O poema calar-se-ia
rodeado pela solicitude dos pássaros

IV

Apesar do sorriso que lhe aflora aos olhos
e da lágrima que pressentes
- íntima -
onde a insónia persiste
há algo de sábio governando a noite
a morte e a vida
- o que existe -

V

Encerrar a noite
Pestanejar o que sobrou de cílios
depois de secos

Na memória da língua
está o sal
testemunho de evaporados rios

VI

Quando presentes que ainda nada conhecias
e que esse nada
tornou tudo claridade

Estás então pronto para os insondáveis
desígnios
da novidade
de novos dias

VII

Deitei-me na minha cama no Olimpo
e acordei humano
nos teus braços

VIII

Espreguiças-te vertical
no meio do prado
Nos galhos um arrepio de vento
Nas raízes o peso do mundo
suspenso

IX

Escolhemos as palavras
como quem colhe cerejas
às escuras:
nunca as mais negras
muito menos a eito
apenas ao tacto
as maduras

X

Apesar de tudo
é a ti que me dirijo
quando desejo saber do sol
no interior dos frutos
- as suas cores -

E é isto o saber-me inútil:
conhecer as sílabas
ignorando as flores

XI

Como um imperecível rio
esvazio-me e permaneço
na tua margem

Quem te deu esse dom
de seres ilha
numa lágrima?

XII

Tudo o que a ti chamas de peso
no peso da gravidade de haver tudo
levita no sorriso ou no choro que na
quente terra do sangue evaporado levita

XIII

Onde do homem
o animal encontro:
o tronco

E por ele abaixo
as tuas pernas

E eu líquido estorvo

XIV

Ainda não começaste a ser rio
e és já sulco
cicatriz

Às vezes recuas no tempo
abandonas o teu destino
e sorris

Entre parêntesis consentidos
estão a lua
algumas ilhas
e o teu sorriso
distráído

XVI

Na tua face a lágrima
é um acidente de relevo
onde o próprio mundo se desvanece

O papel das pálpebras
é arrebatá-los rios
antecipando a alegria

XVII

Quando esqueço os meus lábios
nas tuas pálpebras

tudo me sabe a azul

XVIII

O pior é quando o olhar se torna espelho
devolvendo a imagem do nada
ao outro que tenta

Nessas alturas
é muito improvável a lágrima

Possui-se o inverno todo por dentro

Não se trata de timidez
mas de neve no cume das têmeoras
e rios gelados no lugar das veias

XIX

No reflexo da palavra inicial
passam condensadas
as gotas do teu suave respirar

Gritos silenciosos
na vasta Babilónia
dos teus olhos

XXI

Com os lábios pressinto
que os teus seios
não se limitam
à raiz do leite

XXII

Talvez por vezes desapareças
para que eu sinta o tempo a existir

Não o faças

Prefiro o breve instante dos teus olhos
todavía debruçados sobre os meus



XXIII

Rodeavas-te de pequenas verdades:
"As maçãs nascem das pedras" dizias

Trincavas os seixos
e atiravas fora os restos

Por isso hoje existem macieiras
nesta pedreira

XXIV

O papel das pálpebras
é invocar asas
ávidas de horizontes

O lago que as limita
não o consente
iludindo-as de azul

XXV

Lambo-te os cílios para ter sede
sentir-me vivo

Desço às grutas escondidas pela água
onde a húmida noite se anuncia
e descubro a sombra do teu corpo

Lavo então os meus lábios
secos do cieiro da tua falta

XXVI

Regressas com saudades
do mar

Nasceste com ele

O azul promove o reencontro
na memória sempre nítida dos teus olhos

XXVII

Teias de translúcidos rios
subitamente iluminados:
o poente aconchegado
nas brevíssimas veias
das tuas pálpebras

XXVIII

Apaixonadas pétalas
descem sobre a luz
quando ao meu lado
adormeces

XXIX

O sangue suporta as lágrimas
a seiva o orvalho
e o suor um magma submerso

O corpo é tão lúcido
que só fervilha no seu avesso

XXX

É tão volúvel a mudança:
a lágrima retorna sempre à terra do sangue
mas nunca se sabe se voltará a ser
água de cílio
de cio
suor
ou apenas rio

XXXI

Numa ânsia de sombra
os corpos perseguem a luz

Ainda assim
alguns ocupam-se da forma
menos física
do inominável:
alguns lagos
a cor azul
os teus olhos

XXXII

Da seiva colhes o frio orvalho
quando choras

O sangue nada pode
contra as pétalas
sobre os cílios

Ensina-me a fonte
onde tu caule te abasteces
de renovados rios



XXXIII

Não conheces o meu verdadeiro nome

Por isso usas o que te resta de original
para me convocar:

as sílabas de silêncio
do teu olhar

ÍNDICE

I.....	5
II.....	6
III.....	7
IV.....	8
V.....	9
VI.....	10
VII.....	11
VIII.....	12
IX.....	13
X.....	14
XI.....	15
XII.....	16
XIII.....	17
XIV.....	18
XV.....	19
XVI.....	20
XVII.....	21
XVIII.....	22
XIX.....	23
XX.....	24
XXI.....	25
XXII.....	26
XXIII.....	27
XXIV.....	28
XXV.....	29
XXVI.....	30
XXVII.....	31
XXVIII.....	32
XXIX.....	33
XXX.....	34
XXXI.....	35
XXXII.....	36
XXXIII.....	37



Colecção

digit@lmente

Título: **SÍLABAS DE SILÊNCIO**

Autor: **RUI MIGUEL ROCHA**

Edição em Formato Livro: **2002**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997